

PRACA DA LIBERDADE

O antigo regime e a revolução



POR
**Pedro Carlos
Bacelar de
Vasconcelos**
Deputado e professor
de Direito
Constitucional

Uma impiedade difusa foi-se apoderando do Mundo e contamina o ar que respiramos. É um sentimento atroz mas não há modo de contrariar tão perversa tendência. Onde essa crueldade impiedosa se revela com mais exuberância é, desde logo, na Comunicação Social. Não há tragédia que não mereça a abertura do telejornal, fotografia na primeira página do diário ou na capa da revista, multiplicação de comentários nas redes sociais, reportagem exaustiva em busca de um qualquer testemunho, de preferência, íntimo, doloroso, identificável.

A catástrofe, qualquer que seja, tem de ser percebida em todas as dimensões que propiciam, com imagens das vítimas, capturadas de distintas perspectivas, ângulos e distâncias. Normais e distorcidas. A cores e a preto e branco. Depois, as autoridades oficiais, os especialistas de turno e os curiosos locais comentam a ocorrência de forma a que cada espectador se assumia como participante e possa escolher o seu "próprio" ponto de vista acerca do ocorrido. E o exercício dura até à exaustão para ciclicamente ser evocado, repetido ou renovado, logo, amanhã ou no ano seguinte. Temos o ciclo dos fogos,

na Califórnia, na Suécia, na Grécia ou em Monchique. Estes, com as inundações e as tempestades dos trópicos, formam o ciclo das catástrofes sazonais mas a natureza oferece também oportunidades alheias a periodicidades certas, como os terremotos e as erupções vulcânicas, no México ou na Indonésia.

Há sempre alguma desgraça com causa humana e um repórter disponível para enviar a qualquer hora e a qualquer lado, seja para um acidente por flagrante incúria, numa gruta da Tailândia, seja um desastre de aviação ou mais um naufrágio no Mediterrâneo. Entretanto, os repórteres de guerra passaram à história, arrastados pelo declínio das guerras convencionais... e, sobretudo, porque é agora muito mais apelativo e eficaz na disputa pela captação de audiências, a cobertura de atentados terroristas ou a exposição da ruína urbana provocada pelos bombardeamentos ditos de retaliação, na Síria ou no Afeganistão.

Ao contrário dos auto de fé encenados pelo Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, a exibição contemporânea do horror não está ao serviço de uma religião específica. Tal como o circo, no Coliseu da Ro-

Exibe-se, demorada e repetidamente, as feridas das vítimas, o sangue, as cinzas, as casas esventradas pelo fogo ou pelas bombas, as lágrimas que correm dos olhos de quem tudo perdeu...

ma imperial, conjuga com o entretenimento, o culto do esplendor da força. Consumida em estado de distração, a brutalidade apaga sentimentos de compaixão e desfaz laços de solidariedade.

A informação tornou-se um mero condimento do espetáculo. Os telejornais seguem o modelo dos "reality shows". Exibe-se, demorada e repetidamente, as feridas das vítimas, o sangue, as cinzas, as casas esventradas pelo fogo ou pelas bombas, as lágrimas que correm dos olhos de quem tudo perdeu, o rosto desfigurado dos so-

breventes, os cadáveres. A seguir, destacam-se os "crimes comuns", mais algum escândalo político ou financeiro e, por fim, no bloco internacional, reportam-se as obscenidades brutais diariamente debitadas pelo presidente dos Estados Unidos da América, por governantes austríacos, italianos, húngaros ou polacos e outras personagens congêneres da extrema-direita europeia.

De facto, a eleição de Donald Trump e a ascensão galopante dos neofascistas europeus patrocinados pelo seu incansável ideólogo, Steve Bannon, são causa e, simultaneamente, resultado dessa promiscua inoculação que baralha a realidade com a ficção, a informação com o espetáculo, e promove a banalização do horror. Os confrontos violentos da guerra fria, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, eram travados em torno de valores comuns: a liberdade, a igualdade, a dignidade humana, o direito dos povos à autodeterminação. Hoje, o ódio e a violência dispensam qualquer ideia ou projeto de sociedade. A civilização das luzes é a barricada que nos resta, entre "o antigo regime e a revolução", como explicava, em 1856, Alexis de Tocqueville.

As festas da minha terra!



POR
Cristina Azevedo
Analista financeira

Setembro era mês de descanso de praia, de visita à quinta e de um longo pousio no Arco de Baulhe. Fousio relativo porque a estadia era invariavelmente animada pela Romaria de Nossa Senhora dos Remédios.

Lembro a devoção sentida na procissão das velas com um só andar, o de Nossa Senhora, correndo mansamente a rua, a serra e a avenida ao ritmo do terço cantado.

Lembro a excitação do arraial com festa montada em vários sítios da aldeia e, durante alguns anos, a curiosidade pelos que chegavam de França em carros vistosos.

Lembro a majestosa Procissão do Triunfo com mais de 20 andores, alguns dos quais, típicos de Basto, mediam vários metros de altura, numa espiral de cetins e espelhos em cujo cocuruto se equilibravam santinhos que viamos ao nível dos olhos empoleiradas na varanda da nossa casa.

E pronto, eu sou do Arco como o Arco é da Senhora dos Remédios. Até porque a Dorzinhas, uma enorme amiga lá de casa, tinha o privilégio de cuidar das roupas e de pentear os cabelos anelados da Senhora.

Este ano a Romaria da Senhora

dos Remédios celebra 300 anos de existência. E é com grande admiração que tomo consciência da forma como os arcoenses a estudaram, lhe conheceram as andanças desde que há registos e procuram, ano após ano, respeitar a sua origem religiosa sem deixar de trazer para primeiro plano o valor cultural de um evento que agrega a comunidade e acolhe milhares de forasteiros.

A pouco e pouco fazem levantamentos históricos, publicam textos, dão-nos a conhecer os protagonistas, os conteúdos, os usos e costumes de uma romaria que se

organiza pelo menos desde 1718 para louvar a pádroeira de uma antiga capela que em 1609 era já a quarta mais antiga da arquidiocese de Braga.

O plano inclui mesmo a candidatura a Património Imaterial da Humanidade.

Em setembro não conseguirei deixar de ver tudo com a naturalidade de quem tudo vê desde criança.

Mas percebe a diferença e partilho o orgulho.

Ao Quico, ao Adriano, ao Tiago e a tantos outros que já não conheço, o meu sincero muito obrigada!